

Uma introdução ao comportamento verbal¹

An introduction to the verbal behavior

Romariz da Silva Barros²

Resumo

O presente artigo é um texto didático introdutório ao tema do comportamento verbal, numa perspectiva analítico-comportamental. Caracteriza-se o comportamento verbal como comportamento operante. Apresentam-se aspectos distintivos entre o comportamento verbal e os demais comportamentos operantes. Algumas categorias básicas de comportamento verbal são referidas ao final do texto.

Palavras-chave: comportamento operante, comportamento verbal, análise funcional.

Abstract

This paper is a didactic introductory text to the verbal behavior theme, in a behavioral-analytic perspective. The verbal behavior is characterized as operant behavior, but there are some differences between the verbal behavior and the others operant behaviors. Some basics categories of verbal behavior are refereed at the end of the paper.

Keywords: verbal behavior, functional analysis

¹Texto disponível em www.copymarket.com.br por alguns meses em 2001, sem prejuízo do direito de publicação impressa. Agradecimentos ao professor Dr. Carlos Barbosa Alves de Souza, do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará, pelas preciosas contribuições para a revisão no manuscrito.

²Professor Adjunto III do Departamento de Psicologia Experimental UFPA rsb@cpgp.ufpa.br

Uma criança, desde muito pequena, aprende os nomes dos objetos, das pessoas e dos eventos. Em pouco tempo, não só domina um repertório vasto, como também produz construções verbais novas, ou seja, que não foram diretamente treinadas. Ela pode nomear objetos novos ou propriedades desses objetos, combinando unidades já aprendidas. Este é apenas um dos indícios da complexidade envolvida no estudo do comportamento verbal. Apesar de complexo, o comportamento verbal pode ser compreendido através de análise funcional, ou seja, por meio do mesmo tipo de análise originalmente desenvolvida para atingir a compreensão e o controle de comportamentos mais simples e essencialmente motores. A análise funcional do comportamento consiste na análise do comportamento em termos das relações com as conseqüências do responder (consultar, por exemplo, Catania, 1999). Para os analistas de comportamento, a sua compreensão consiste na explicitação das interações entre os eventos comportamentais e os eventos antecedentes e conseqüentes.

O repertório verbal é um repertório comportamental e sua aquisição, manutenção e extinção seguem o mesmo princípio dos demais repertórios operantes. Em outras palavras, a análise do comportamento verbal não difere, nos princípios, da análise funcional feita em relação aos repertórios não-verbais. A perspectiva de estudo do comportamento verbal como comportamento operante - trazendo-o, portanto, para o campo da análise funcional - é mais uma das importantes contribuições de Skinner (1957/1978³) para a construção de uma ciência do comportamento.

O comportamento verbal

O comportamento verbal se constitui de boa parte da complexidade do comportamento humano. A investigação do comportamento verbal tem sido, por essa razão, muito importante para a Análise do

Comportamento. Apesar da aceitação da obra "Comportamento Verbal" de Skinner (1957/1978) ter sido tímida na época de seu lançamento, em 1957, ela se mantém como uma das mais importantes referências para o estudo do comportamento verbal. As restrições a ela apontadas estão ligadas, em parte, ao fato de que era necessário obter dados empíricos para a aceitação de todos os conceitos e princípios que Skinner (1957/1978) apresentou. Contrariando uma tradição que o tornou conhecido como um grande experimentalista, por discutir o fenômeno comportamental através de estudos experimentais baseados em dados coletados sob circunstâncias muito bem controladas, Skinner não privilegiou a apresentação e discussão de dados empíricos em seu livro "Comportamento verbal". Para aprofundar essa discussão e estudar sobre a falta de estudos empíricos derivados de "Comportamento verbal", sugere-se a leitura de autores como Critchfield, Burskist & Saville (2000), McPherson, Bonem, Green & Osborne (1984), Normand, Fossa & Polinny (2000) e Oah & Dickinson (1989). Ver também Broadbent (1959), Chomsky (1959), Farrel (1960), Knapp (1992), Osgood (1959), e Pinker (1994) sobre críticas à própria proposta skinneriana.

Os conceitos e princípios apresentados por Skinner, em relação ao comportamento verbal, porém, têm sido postos à prova na prática teórico-explicativa e na pesquisa experimental, mostrando-se úteis para analisar comportamentos altamente complexos. A abordagem aparentemente simplista adotada por Skinner não resultou em uma simplificação inadequada do comportamento verbal. A seguir, serão apresentados alguns conceitos básicos introduzidos por Skinner na sua obra "Comportamento Verbal".

Operantes verbais

O comportamento operante é, grosso modo,

³A primeira data é da publicação original e a segunda, da edição consultada.

aquele que altera o ambiente, sofrendo também o efeito das alterações ambientais por ele promovidas. Esse efeito é basicamente a alteração na probabilidade de ocorrência futura da classe de respostas que integram o dado operante. O comportamento verbal é um tipo de comportamento operante: ele altera o ambiente e é modificado por essas alterações. A diferença básica entre o comportamento verbal e os outros operantes (não-verbais) está no fato de que o comportamento verbal é um operante cujas conseqüências não guardam relações mecânicas com a resposta a que são contingentes. Essas conseqüências são providas através de um ouvinte, cujo comportamento foi previamente treinado por uma comunidade verbal. **O comportamento verbal é, portanto, comportamento operante e é mantido por conseqüências mediadas por um ouvinte que foi especialmente treinado pela comunidade verbal para operar como tal.**

Supondo-se que a temperatura ambiente da sala de aula em que Michelle se encontra esteja muito baixa, em virtude do aparelho de ar condicionado estar ligado; nessas condições antecedentes (estimulação discriminativa), a resposta operante de “desligar o condicionador de ar” seria negativamente reforçada pela remoção da estimulação aversiva provocada pela temperatura excessivamente baixa. A resposta elimina o estímulo aversivo, sendo, assim, uma resposta de fuga. A resposta de “desligar o condicionador de ar” é operante porque altera o ambiente e é afetada (fortalecida, neste caso) pelas alterações por ela promovidas. Michele, no entanto, poderia ter dito “professor, por favor, desligue o condicionador de ar”. Essa resposta resultaria nas mesmas alterações no ambiente (remoção do estímulo aversivo) produzidas pela resposta de desligar o aparelho pressionando diretamente o botão que o desliga, se o professor e Michelle partilham do mesmo idioma, e fizerem parte da mesma comunidade verbal. O comportamento do professor proveria as modificações no ambiente que reforçariam o

comportamento de Michelle.

A resposta de dizer “professor, por favor, desligue o condicionador de ar” é, certamente, uma resposta operante. Há, porém, uma diferença em relação à primeira resposta mencionada: a resposta operante não mantém relações mecânicas com a conseqüência que a afeta. Essa conseqüência é promovida através de um ouvinte treinado pela comunidade verbal e que, pelo menos em alguma medida, tem um repertório verbal semelhante ao de Michelle. É exatamente isso que caracteriza a segunda resposta operante mencionada como um operante verbal.

De acordo com Matos (1991), sob certas circunstâncias, falar, escrever, digitar um texto usando um computador, usar códigos podem ser exemplos de comportamentos verbais, desde que a característica de comportamento, mediado por um ouvinte especificamente treinado, seja clara. É muito importante, contudo, considerar o contexto em que o comportamento ocorre, para confirmar sua definição como verbal ou não-verbal. O comportamento de assobiar, por exemplo, pode ser um comportamento verbal, dependendo do efeito que tem sobre o ouvinte. Assobiar pode fazer parte de um código verbal e, neste caso, seria um comportamento verbal.

Um outro aspecto importante sobre o comportamento verbal é que não existe a necessidade de elementos topográficos na sua definição. De acordo com Matos (1991), ele é interação pura. A definição de operantes como “andar”, “chutar uma bola”, por exemplo, envolvem sempre uma topografia e até mesmo um substrato físico. No caso da definição do comportamento de andar, é importante o deslocamento do sujeito (aspecto funcional) e as posturas e movimentos do corpo de quem anda (aspectos morfológicos); no caso do comportamento de chutar uma bola, pode-se fazer a mesma afirmativa.

No caso do comportamento verbal, não há como defini-lo seguramente pela sua topografia. O importante é o efeito sobre o

ouvinte, ou seja, os aspectos funcionais. Isso quer dizer que Michelle, no exemplo usado anteriormente, ao invés de ter dito “professor, por favor, desligue o condicionador de ar”, poderia dizer: “Nossa! Como está frio!!” ou gesticular, ou ainda, usado expressões faciais. Em todos estes casos, se o efeito sobre o ouvinte (o professor) fosse o controle da resposta de desligar o aparelho de ar condicionado, o comportamento de Michele seria verbal. Note-se que há muitas topografias possíveis e, como não há relação mecânica entre a resposta e a consequência, a topografia não é o critério que define este ou aquele comportamento como verbal.

Abordar o comportamento verbal por meio de análise funcional (em termos da função ou efeito sobre o ouvinte) opõe-se às abordagens tradicionais do comportamento verbal, as quais enfocam intensamente o papel do falante. Na análise funcional, a investigação da aquisição e manutenção de comportamento verbal está voltada necessariamente para o exame das contingências de reforçamento mantidas pela comunidade verbal, buscando-se os determinantes do comportamento nas interações entre falante e ouvinte. O papel do ouvinte, nesse caso, é fundamental; diferentes auditórios controlam diferentes repertórios verbais. Se um professor tivesse que dar palestras sobre métodos contraceptivos para adolescentes em uma escola de classe média, para senhoras em um centro comunitário, numa área de invasão, e para seus colegas em sala de aula, essa diversidade de auditórios determinaria muito provavelmente uma diversidade de repertório verbal. As palavras pronunciadas, as construções frasais, as interjeições, os gestos seriam diferentes em cada ocasião.

É exatamente por isso que Skinner (1957/1978) afirma que a comunidade verbal assume o controle operante sobre a musculatura do aparelho fonador do falante. As circunstâncias ambientais em que isso ocorre ainda precisam ser explicitadas; mas o que se pode dizer é que, sem dúvida, a

comunidade verbal, através de reforçamento diferencial, modela o comportamento verbal. É assim que uma criança pequena aprende a falar: seu comportamento vocal (ainda não-verbal) vai sendo modelado, tornando-a um falante e um ouvinte adaptado, que se amplia na medida em que as interações com outros grupos sociais se desenvolve). Para aprofundar-se sobre a relação falante-ouvinte, ler Skinner (1957/1978, capítulos 2 e 7). Para ter acesso a algumas críticas a esse posicionamento, consultar, por exemplo, Parrott (1984) e Ribes (1999).

Outro aspecto que difere a abordagem skinneriana do comportamento verbal em relação a abordagens tradicionais é que, segundo Skinner (1957/1978), o comportamento verbal **não** pode ser compreendido como um conjunto de comportamentos com função comunicativa, representativa ou expressiva; a função do comportamento verbal é adaptativa. Ele é modelado e mantido por suas consequências no ambiente físico ou social, interno ou externo, público ou privado. O princípio da seleção pelas consequências, de acordo com o qual sobrevivem os comportamentos ou as práticas que tornam o indivíduo ou o grupo mais adaptado, deve ser aplicado à compreensão do comportamento verbal. Quando se diz a alguém “Hoje é o meu aniversário”, não se está transmitindo uma informação (não há nada que esteja no falante e que passa para o ouvinte), mas alterando o ambiente (neste caso, produzindo estímulos para o ouvinte), de maneira que certas consequências sejam providas através do ouvinte.

A abordagem skinneriana do comportamento verbal também faz objeção ao estudo das respostas verbais (o texto, a frase, a palavra, o gesto) separadas das condições ambientais em que elas ocorreram. É preciso levar em conta o comportamento do falante e do ouvinte e os diversos aspectos do ambiente específico (físico e social) com os quais o comportamento mantém conexão. A unidade do comportamento verbal pode ser o fonema,

uma parte de uma palavra, uma palavra ou, mesmo, uma frase, desde que seja uma unidade sob controle de estímulos.

Algumas categorias de operantes verbais

Considerando as fontes de controle do comportamento verbal, bem como seu efeito sobre o ouvinte, é possível identificar algumas categorias de comportamentos verbais. Neste trabalho introdutório, são apresentadas apenas seis categorias básicas para uma compreensão inicial do comportamento verbal, apesar de outras categorias verbais poderem ser citadas (como copiar e tomar ditado. Ler Matos, 1991). Para aprofundar-se sobre a classificação de operantes verbais, consultar também Skinner (1957/1978, capítulos 3 a 6 e o capítulo 12).

Tatear (ou comportamento de tacto): são respostas verbais, vocais ou motoras controladas por estímulos discriminativos não-verbais e mantidas por conseqüências sociais quando existe correspondência, ou seja, identidade funcional (arbitrária e culturalmente estabelecida), entre o estímulo discriminativo e a resposta. Um exemplo de comportamento de tacto é nomear eventos, objetos, pessoas. Por meio do tacto, as pessoas fazem contacto (“tateiam”) com os mais variados aspectos de seu ambiente físico e social/cultural. Portanto, com o tacto, descrevemos as propriedades dos elementos dos ambientes externo e interno à nossa pele.

São exemplos de tacto: “Eu me chamo Luciana e esta é minha simpática prima Mara”; “Este sorvete é de cupu-açu”; “Como o céu está estrelado”; “O livro do Catania é mesmo muito fácil!”. Observe, que em todos estes casos, os operantes verbais emitidos nomeiam seres (Luciana, prima, Mara, sorvete) ou propriedades destes seres (simpática, estrelado).

Mandar (ou comportamento de mando): são respostas verbais, vocais ou motoras, controladas por eventos encobertos, ligados a estados motivacionais ou afetivos (Matos, 1991) e mantidas por conseqüências que

reduzam a privação geradora dos quadros motivacionais antecedentes. As conseqüências, é claro, são providas por meio de um ouvinte; a resposta deve manter identidade funcional com o comportamento do ouvinte, na medida em que explicita os reforçadores a serem providos. O mando é, portanto, a categoria de operantes verbais que as pessoas emitem quando dão ordens, fazem pedidos, formulam perguntas, dão conselhos, mencionam (tateiam) os reforçadores de que estão privados. Os repertórios de mando são instalados em situações nas quais esses operantes verbais, uma vez emitidos - sob privação ou estimulação aversiva - são seguidos de uma conseqüência reforçadora que reduz essa privação específica ou elimina a estimulação aversiva.

É pertinente lembrar o exemplo citado anteriormente: Michelle, sob condições de estimulação aversiva, emitiu um mando que foi reforçado por intermédio do professor. Eis outros exemplos de mando: “Moço, me dê um sorvete de cupu-açu”; “Milton, venha cá imediatamente”; “Que horas são?”

Ecoar (ou comportamento ecóico): são respostas verbais, vocais (ou motoras no caso de códigos verbais gestuais), controladas por estímulos discriminativos verbais auditivos (ou visuais, no caso de códigos gestuais) e mantidos por reforçadores sociais, desde que haja identidade estrutural entre a resposta e o estímulo. A resposta reproduz formalmente o estímulo discriminativo verbal apresentado, devendo haver identidade de propriedades físicas entre a resposta e o estímulo - para que haja reforçamento. Através do comportamento ecóico, aprendem-se unidades comportamentais da fala e, por isso, ele é muito importante para a aprendizagem de outros operantes verbais.

Há momentos em que os pais tentam ensinar os tactos “papai” e “mamãe” a seu filho. Geralmente, eles começam ensinando o operante ecóico “papai” ou “mamãe”, ou seja, produzem o estímulo discriminativo “papai” para a criança. Se ela reproduz vocalmente esse som (comportamento ecóico), a resposta é

reforçada. Quanto maior a semelhança entre o estímulo produzido pelos pais e a resposta produzida pela criança, maior a probabilidade de reforçamento. Também se aprende operantes ecóicos quando se estuda um outro idioma, por exemplo: o professor diz “Thursday” e pede que os alunos repitam. Se o professor estiver atento, ele deve determinar que a probabilidade de reforçamento seja maior quanto mais semelhantes forem as respostas e os estímulos discriminativos.

Comportamento textual: são respostas verbais vocais (oralização) controladas por estímulos discriminativos verbais visuais (texto escrito) e mantidas por reforçamento social. A resposta deve manter correspondência funcional com o estímulo, ou seja, diante da palavra escrita “MARACUJÁ”, a oralização “maracujá” é reforçada. É possível constatar que não há correspondência formal entre o estímulo (que é escrito) e a resposta (que é vocal, na maioria dos casos). O comportamento textual, assim como o ecóico, gera repertórios de unidades comportamentais da fala e da leitura.

O comportamento textual se distingue de “leitura com compreensão” que, por sua vez, envolve, além da correspondência funcional entre a resposta e o estímulo, a emissão de uma variedade de outras respostas que guardam essa mesma correspondência funcional (como desenhar o maracujá, apontar o maracujá, entre outras frutas etc). Quanta ironia, mas pode ser que a criança, que silenciosamente apresenta resposta de salivação, quando a professora pede à turma que leia a palavra escrita “MARACUJÁ”, esteja apresentando um repertório de leitura mais sofisticado do que o de outra criança que meramente oraliza “MA-RA-CU-JÁ”.

A leitura com compreensão, portanto, requer que o estímulo textual, a resposta e os demais estímulos e respostas funcionalmente relacionados ao estímulo textual (no exemplo acima, o som da palavra “maracujá”, o sabor do maracujá, a resposta de salivar etc) façam parte de uma classe de elementos

equivalentes, o que vai além da simples relação unidirecional entre o estímulo textual e a resposta de oralizar (ler Sidman, 1994 e 2000).

Freqüentemente se observa crianças emitindo comportamentos textuais (leitura textual) nas aulas de leitura, quando estão nas primeiras séries do ensino básico. Elas, muitas vezes, apenas oralizam as palavras, sem estabelecer relação com os eventos arbitrária e culturalmente vinculados a elas. Na aprendizagem de língua estrangeira, isso também ocorre. Cita-se, como exemplo, uma pessoa que, de tanto ouvir as músicas de Elton John, acompanhando-as com a letra da música impressa, era capaz de fazer leitura textual de pequenos textos em inglês, mesmo sem emitir qualquer tacto ou mando nesta língua.

Intraverbalizar (ou comportamento intraverbal): são respostas verbais, vocais ou motoras, controladas pelo próprio comportamento verbal do emitente (ou pelo comportamento verbal de outrem, cujo fluxo de comportamento verbal o emitente está acompanhando) e mantidas por reforçamento social. De acordo com Matos (1991), o controle do comportamento intraverbal pelo antecedente é complexo e pode envolver elementos múltiplos (o intraverbal “quatro” pode ser controlado tanto pelo antecedente “2+2”, quanto por “6-2” ou pela seqüência “1, 2, 3...”), cadeias comportamentais (como ao recitar uma oração ou fazer uma contagem “1, 2, 3...”) ou associações, quando o controle é pelo tema, situação ou assunto (o antecedente “manga” pode controlar o intraverbal “camisa” para o alfaiate, ou “fruta” para o feirante).

Intraverbalizar consiste em conectar elementos verbais de modo correspondente às conexões que a cultura particular ou o mundo físico fazem entre os elementos verbais e não-verbais. O estabelecimento de conexão entre os tactos “xícara” e “pires” é intraverbal porque nossa cultura particular aproximou esses dois objetos. Em outras palavras, a conexão entre os tactos acima citados corresponde à conexão que determinada

comunidade estabeleceu entre os objetos, fazendo, geralmente, um pires acompanhar uma xícara. O mesmo ocorre com os tactos “relâmpago” e “trovão” que, quando conectados, reproduzem a ligação que esses eventos da natureza mantêm entre si. A maior parte do trabalho de um cientista consiste em estabelecer um repertório intraverbal, ou seja, estabelecer conexões verbais, na escrita e na fala, que reproduzem as relações entre eventos. Se o cientista consegue estabelecer conexões entre repertórios verbais de maneira exatamente correspondente ao modo como os eventos estão relacionados, suas teorias (seu comportamento verbal) poderá ser bastante reforçado pela comunidade científica - a comunidade que modela o comportamento verbal do cientista.

Comportamento autoclítico: são respostas verbais, vocais ou motoras, controladas pelo próprio comportamento verbal (antecedente, simultâneo ou concorrente) do emitente e as quais articulam, organizam ou modificam as respostas verbais que as controlam. A ocorrência de comportamentos autoclíticos, pois, depende da ocorrência de outros comportamentos verbais do próprio emitente sobre os quais os autoclíticos atuarão. Matos (1991) resume a peculiaridade do comportamento autoclítico como “o falar sobre o falar” (p.340). Portanto, o comportamento autoclítico consiste de unidades de comportamento verbal que comentam, qualificam, enfatizam, ordenam, coordenam e alteram a função de outros comportamentos verbais. Os gestos e a entonação, que se usa ao falar, podem alterar a função dos tactos e mandos emitidos. Em tom de ironia (que, neste caso, é o autoclítico) o tacto “Você é tão competente!!” pode ter o efeito de uma crítica dura. Quando se escreve, os conectivos e a pontuação, além do contexto, assumem essa função. No fluxo da fala ou da escrita, por exemplo, muitas palavras se referem às próprias palavras e funcionam como modificadores (advérbios, preposições). Na expressão “Falei de ti *agorinha mesmo* e recebi teu telefonema *com* Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn. 2003, Vol. V, nº 1, 73-82

surpresa. Não morres tão cedo. Vaso ruim não quebra”, os elementos destacados são autoclíticos.

A complexidade do comportamento verbal

Observando o comportamento verbal no cotidiano, é possível perceber que as categorias verbais acima apresentadas fundem-se, muitas vezes, aumentando a complexidade da análise do comportamento verbal. Uma das características mais intrigantes dessa complexidade do comportamento verbal é a produtividade na emissão de repertórios verbais, a emissão de comportamentos verbais novos e/ou a emissão de comportamentos verbais em circunstâncias novas, nas quais estes comportamentos não foram antes reforçados. É essa complexidade que será abordada, a seguir, mencionando, entre outros elementos, o “tacto ampliado”, “o mando disfarçado” e a “múltipla causação”.. Para estudos mais aprofundados sobre a complexidade dos operantes verbais, sugere-se a leitura de Skinner (1957/1978, capítulos 8 a 11).

1) Tacto ampliado: extensões metafóricas e metonímicas

O conceito de “estímulos”, em Análise do Comportamento, corresponde a aspectos do ambiente que exercem controle sobre o comportamento. Algumas vezes, esses “aspectos” do ambiente envolvem mais de uma propriedade física (cores, formas, espessura) e, nestes casos, são denominados estímulos compostos. Um estímulo discriminativo pode ser um estímulo composto: um sinal de trânsito, por exemplo, pode ser um estímulo composto para um determinado sujeito (“luz vermelha” e “posição superior e tamanho maior entre as três luminárias” como propriedades controladoras da resposta de parar o automóvel). Estímulos discriminativos compostos podem controlar repostas verbais de tacto. É interessante notar, que neste caso, cada uma das propriedades do estímulo

discriminativo composto pode passar a assumir separadamente o controle sobre o comportamento de tacto. Assim, um outro estímulo - que possua parte das propriedades do estímulo discriminativo original - pode controlar a resposta de tacto. Esse é o tacto ampliado e por ele pode-se explicar parte da produtividade do comportamento verbal.

Seguem alguns exemplos: Desde muito cedo, Lia aprendeu a usar o tacto "picolé". Quase todas as tardes, quando passeava com a mãe, encontrava algum garoto vendendo picolés. A mãe entregava à Lia um saboroso picolé e lhe ensinava com dedicação o tacto. No início, o comportamento de Lia era ecóico (ela apenas reproduzia vocalmente o estímulo produzido pela mãe); mas, em poucos dias, ela usava adequadamente o tacto: ela dizia "picolé" quando lhe perguntavam "o que é isso?" e apontavam para aquela deliciosa guloseima. Um dia, Lia viu um garoto caminhando pela rua com um isopor sobre a cabeça e o chamou (mando), dizendo "Ei, picolé!". Observe que, no mando emitido por Lia, está incluso um tacto ampliado. O tacto "picolé" passou a ser controlado por uma outra dimensão do ambiente (o vendedor de picolés), que era parte das circunstâncias presentes quanto Lia aprendeu a tatear o estímulo original, o próprio picolé.

Outro exemplo: Quando a professora diz a um aluno "Pára com isso, diabinho!", é possível que ela esteja enfatizando algumas características comuns entre a criança indócil e um capetinha.

2) Operantes verbais disfarçados

Algumas vezes, ao analisarmos repertórios verbais, é preciso levar ao extremo a idéia de que eles não têm uma topografia a ser levada em conta na sua definição e que o importante é o efeito que produzem no ouvinte e, conseqüentemente, no ambiente social e no ambiente físico. Considere-se o seguinte exemplo: Suponha-se que Júlia e seu namorado tenham ido passear no shopping no dia dos namorados. Júlia pára bem em frente a uma vitrine que mostra uma camiseta

caríssima e diz "Essa camiseta é linda! Como eu ficaria feliz se a ganhasse de presente". Aparentemente essa resposta verbal é um tacto; mas o efeito que pode ter sobre o ouvinte é de um mando: ("Compre essa camiseta para mim!"). De fato, mal Júlia fechou a boca e o namorado já chegava com a camiseta nas mãos, embrulhada pomposamente para presente.

Em muitas situações cotidianas, os mandos são emitidos disfarçados de tacto, seja por educação, ou para a pessoa se esquivar de uma postura autoritária. Em outros casos, um mando vem disfarçado de outro mando. A mãe diz para o filho: "Por que você não retira logo seu material escolar da mesa, antes que chegue a hora do jantar?" (mando disfarçado). Aparentemente, o filho poderia reforçar o mando da mãe fazendo uma exposição clara dos motivos pelos quais não tirará o material da mesa. Isso, na prática, poderia contrariar severamente a mãe. Melhor seria se o filho se dirigisse até a mesa e retirasse de lá o material escolar. Essa modificação do ambiente é que reforçaria o mando emitido pela mãe.

Em outras ocasiões, tactos podem aparecer disfarçados de mandos: Fernando se dirige aos colegas em frente ao laboratório e diz: "Vocês já viram meu carro novo?". Essa resposta aparentemente é um mando e, se o fosse, seria reforçada pelas respostas "sim" ou "não". Mas essas respostas frustrariam um pouco o Fernando, pois esse "mando", na verdade, pode esconder um tacto: "Pessoal, este é meu carro novo".

3) Múltiplo controle

Freqüentemente, também, os operantes verbais são controlados por mais de um estímulo discriminativo, o que pode gerar a fusão de algumas das categorias verbais que foram definidas acima. Ao contar as laranjas que chegaram no biotério em nosso laboratório, Didi disse "Vinte", quando colocou no saco a vigésima laranja. Essa resposta pode estar sob controle discriminativo da vigésima laranja (tacto) e do

estímulo discriminativo verbal “dezenove”, emitido pelo próprio Didi imediatamente antes (fusão de tacto e intraverbal). A existência de múltiplas fontes de controle sobre a mesma resposta verbal (múltipla causação) também pode ajudar a explicar parte da produtividade do comportamento verbal, uma vez que respostas verbais, ensinadas em condições de múltipla determinação, podem surgir quando apenas parte dos elementos determinantes está presente em condições modificadas.

Constata-se, pelo exposto, que a análise do comportamento verbal exige grande destreza do analista do comportamento. Na seqüência, serão apresentadas duas das principais dificuldades no estudo experimental do comportamento verbal: 1) Encontrar uma metodologia adequada para registro fidedigno do comportamento verbal como uma variável dependente. A freqüência de respostas, largamente utilizada no registro de respostas essencialmente mecânicas, não é fácil de ser adotada no estudo do comportamento verbal; 2) Respostas verbais podem ser controladas discriminativamente e/ou conseqüenciadas por estímulos do mundo privado. O falante é ouvinte de seu próprio comportamento verbal, o que possibilita, sob certo ponto de vista, falar em auto-reforçamento, mas pode gerar problemas de acesso e de explicação do fenômeno. Apesar dessas dificuldades, o comportamento verbal vem sendo estudado e muitos avanços já foram alcançados como: melhoria do desempenho verbal de pessoas (como falantes e ouvintes); o estudo do comportamento verbalmente governado; o estudo do papel do comportamento verbal na atividade clínica. Abaixo são apresentadas algumas recomendações de leitura complementar e questões para estudo.

Leitura complementar recomendada

Matos, M. A. (1991). As categorias formais de comportamento verbal de Skinner. In M. A. Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn. 2003, Vol. V, nº 1, 73-82

Matos, D. G. Souza, R. Gorayeb & V. R. L. Otero. *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: SPRP, 333-341.

Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. São Paulo, SP: Cultrix.

Peterson, N. (1978). *An introduction to verbal behavior*. Ottawa, NW: Behavior Associates Inc.

Questões de estudo

- 1) Estabeleça diferença entre o comportamento verbal e os demais comportamentos operantes.
- 2) Explique porque é difícil ater-se a características topográficas para a descrição ou categorização de comportamentos verbais.
- 3) Aponte alguns elementos que distinguem a posição de Skinner sobre o comportamento verbal em relação às abordagens tradicionais.
- 4) Apesar da falta de contexto, identifique pelo menos dois exemplos de mando e tacto no trecho abaixo:
“- O que é isso?
- É uma mistura de mel com ervas medicinais.
- É muito estranho!! Posso provar?
- Estou certo de que você não vai gostar.”
- 5) Formule exemplos de operantes verbais ecóticos e textuais e discorra sobre suas diferenças.
- 6) Formule exemplos de operantes intraverbais e autoclíticos.
- 7) Discorra sobre a complexidade de análise do comportamento verbal.

Referências

- Broadbent, D. (1959). Review of Verbal Behavior. *British Journal of Psychology*, 50, 371-373.
- Catania, C. A. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: ArtMed.
- Chomsky, N. (1959). Review of B. F. Skinner's Verbal behavior. *Language*, 35, 26-58.
- Critchfield, T., Burskist, W. & Saville, B. (2000). Whinther the muse: What influences empirical research on verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 17, 179-190.
- Farrel, B. (1960). Review of Verbal Behavior. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 12, 124-125.
- Knapp, T. (1992). Verbal Behavior: the others reviews. *The Analysis of Verbal Behavior*, 10, 87-95.
- Matos, M. A. (1991). As categorias formais de comportamento verbal de Skinner. In M. A. Matos, D. G. Souza, R. Gorayeb & V. R. L. Otero (Orgs.). *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: SPRP, 333-341.
- McPherson, A., Bonem, M., Green, G. & Osborne, J. (1984). A citation analysis on the influence on research of Skinner's Verbal Behavior. *The Behavior Analyst*, 7, 157-167.
- Normand, M., Fossa, J. & Polinny, A. (2000). Publication trends in The Analysis of Verbal Behavior: 1982-1998. *The Analysis of Verbal Behavior*, 17, 167-173.
- Oah, S. & Dickinson, A. (1989). A review of empirical studies of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 7, 53-68.
- Osgood, C. (1959). Review of Verbal Behavior. *Contemporary Psychology*, 3, 209-212.
- Parrott, L. J. (1984). Listening and understanding. *The Behavior Analyst*, 7, 29-39.
- Pinker, S. (1994). *The language instinct: How the mind creates language*. New York: William Morrow.
- Ribes, E. (1999). *Teoría del condicionamiento y lenguaje: un análisis histórico y conceptual*. Guadalajara: Taurus y Universidad de Guadalajara.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: a research story*. Boston, MA: Authors Cooperative, Inc., Publishers.
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127-46.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix.

Recebido em: 10/11/02

Primeira decisão editorial em: 19/03/03

Versão final em: 15/05/03

Aceito em: 20/05/03